

A Pergunta Mais Importante na Vida

(Marcos 8:22–30)

Joe Schubert

A metade do capítulo oito de Marcos constitui um ponto de virada no Evangelho de Marcos. É o ponto em que a mensagem e o ministério de Jesus tomam uma nova direção. Uma nova ênfase do Seu ministério pode ser facilmente vista desse ponto em diante.

UM MILAGRE ESTRANHO (8:22–26)

A passagem que desencadeia essa mudança começa com um dos maiores milagres que Jesus realizou. Ele é incomum porque é o único milagre que acontece em duas etapas. Foi o único que envolveu um processo em vez de uma cura imediata. Além disso, Marcos é o único autor de evangelho a registrar esse milagre em particular. Esse fato deixa o episódio ainda mais obscuro do que poderia ser de outra forma. O milagre está registrado nos seguintes termos:

Então, chegaram a Betsaida; e lhe trouxeram um cego, rogando-lhe que o tocasse. Jesus, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia e, aplicando-lhe saliva aos olhos e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe: Vês alguma coisa? Este, recobrando a vista, respondeu: Vejo os homens, porque como árvores os vejo, andando. Então, novamente lhe pôs as mãos nos olhos, e ele, passando a ver claramente, ficou restabelecido; e tudo distinguiu de modo perfeito. E mandou-o Jesus embora para casa, recomendando-lhe: Não entres na aldeia (vv. 22–26).

Em todas as outras ocasiões, as curas de Jesus foram efetivas, completas e geralmente imediatas. A razão desse milagre ter sido singularmente diferente continua sendo um mistério.

Alguns vêm nas duas etapas dessa cura um paralelo com os dois níveis de compreensão do ministério de Jesus por parte dos apóstolos. Insistem no fato de que enquanto os apóstolos viam com nebulosidade determinados aspectos

de Jesus e de Seu ministério naquela conjuntura, logo veriam esses mesmos aspectos mais nitidamente. Essa interpretação, embora um pouco ingênua, está longe de ser segura. Deixemos o mistério onde ele está. Realmente não podemos saber por que esse milagre foi realizado em dois estágios. Não há nenhuma pista disso nas Escrituras.

Todo o incidente é concluído no versículo 26: “E mandou-o Jesus embora para casa, recomendando-lhe: Não entres na aldeia”. Mas por quê? A aldeia mencionada é Betsaida (v. 22). Algo registrado sobre Betsaida no evangelho de Mateus lançará alguma luz na razão por que Jesus mandou esse cego curado não entrar na aldeia de Betsaida e nada dizer a ninguém sobre a sua cura. Em Mateus 11:21 e 22, Jesus disse:

Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza. E, contudo, vos digo: no Dia do Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras.

Jesus, no momento dessa cura, parecia acreditar que já havia realizado milagres mais do que o suficiente em Betsaida, não havendo possibilidade daquela cidade pecaminosa vir a crer por causa da realização de mais milagres. Eles já haviam presenciado uma sucessão de milagres. Jesus estava dizendo: “Não adianta. O povo desta aldeia é incrédulo”. Ele disse ao cego curado: “Nem entre na aldeia. Vá para outro lugar”. Isto nada mais é do que uma aplicação do aviso: “Não atire pérolas aos porcos”.

UMA PERGUNTA SOLENE (8:27–30)

Marcos agora registra esse dia muito significativo em que Jesus fez uma pergunta crucial aos discípulos. A cena começa no versículo 27:

Então, Jesus e os seus discípulos partiram para as aldeias de Cesaréia de Filipe; e, no caminho, perguntou-lhes: Quem dizem os homens que sou eu? E responderam: João Batista; outros: Elias; mas outros: Algum dos profetas. Então, lhes perguntou: Mas vós, quem dizeis que eu sou? Respondendo, Pedro lhe disse: Tu és o Cristo. Advertiu-os Jesus de que a ninguém dissessem tal coisa a seu respeito (vv. 27–30).

A questão apresentada nesta breve passagem é a mais crítica e significativa que pode ser apresentada a todo ser humano. Quem é Jesus Cristo? Essa é a questão. Tudo o mais que você e eu fizermos ou falarmos será em grande escala determinado pela resposta que dermos a esse pergunta.

Se um budista decidisse que Gáutama, o Buda, nunca existiu, isto não afetaria em nada o budismo. Nem exerceria impacto algum na fé desse budista, no que diz respeito aos seus conceitos, ou à sua vida. Se um hindu mudasse de opinião em relação a Krishna, isso não afetaria sua fé hindu em nada. Essas crenças orientais não se baseiam em pessoas. Elas se apóiam em conceitos filosóficos. Pode-se descartar até o seu fundador e isso não mudará a essência desse tipo de fé oriental subjetiva.

Mas a fé cristã ou o estilo de vida cristão não é assim. Todo o cristianismo se apóia diretamente na identidade e na pessoa de Jesus Cristo. A identidade de Jesus é a rocha firme onde repousa tudo em que o cristão crê e pratica. Se Pedro estava certo quando disse: “Jesus, tu és o Cristo de Deus”, como registra Lucas, então Jesus é o único homem de toda a história que deve ser seguido. Se Pedro estava certo, então Jesus é a única esperança que temos.

A questão é: “Quem é Jesus?”, e isso tem de ser determinado por Jesus. Devo ser um cristão? Tudo depende de quem é Jesus. Se Jesus é quem Pedro confessou que Ele era, sem dúvida, devo ser um cristão.

Às vezes uma pessoa me diz que gostaria de ser membro de determinada congregação em particular por causa do amor, da comunhão e do calor que sentiu ali. Sempre respondo dizendo que, apesar de estarmos felizes por ela ter sentido amor, calor e comunhão, essa não é a razão que ela deve procurar para se associar àquele corpo. Isto é verdade porque, em algum lugar, em algum momento, essa pessoa pode ir a um lugar onde falte amor, comunhão e calor. Se a sua reação a Deus depender do amor e da comunhão

recebidos, quando ela estiver num lugar onde eles não existirem, ela morrerá. O que deve mobilizar qualquer pessoa a levantar-se perante uma assembléia de cristãos e acertar sua vida com Deus tem de ser o que ela pensa sobre a pessoa de Jesus Cristo. Tem de ser uma resposta ao evangelho de Jesus. Qualquer outra razão não é um motivo digno para uma pessoa se tornar membro do corpo d'Ele, Jesus. A pergunta crucial, portanto, é: “Quem é Jesus Cristo?”

O cenário, segundo Marcos, passa-se próximo de Cesaréia de Filipe. Aquela cidade pagã era uma fábrica de religiões, especialmente da mística religião grega. Jesus estava andando pela Galiléia fazia algum tempo. Nesse dia, Ele chamou os discípulos à parte, em particular, e quis fazer-lhes a pergunta que é de fato a mais importante. Ele deve ter julgado aquele momento oportuno para lançar essa pergunta.

Em primeiro lugar, Ele fez uma pergunta de importância secundária. Disse Ele: “Quem dizem os homens que eu sou?” Por que Jesus começou com uma pergunta de importância secundária? Ele já sabia o que as pessoas estavam dizendo sobre Ele. Ao fazer essa pergunta, Jesus estava como que armando a bomba. Ele estava prepa-rando o terreno para fazer a pergunta que era realmente importante, a grande pergunta. Por isso, antes de qualquer coisa, Ele perguntou: “Quem dizem as pessoas que eu sou? O que as multidões estão dizendo a respeito de mim?”

É interessante notar o que estavam dizendo sobre Jesus. Alguns diziam: “Ele é Elias”. Outros diziam: “Ele é João Batista”. E ainda outros diziam: “Creio que Ele é mais um da extensa lista dos profetas hebreus”. Cada uma dessas opiniões era uma expressão de elogio, pois essas pessoas — Elias, João Batista, os profetas hebreus — eram todas respeitadas pelas multidões.

Quando olho para trás, acredito que jamais conheci uma pessoa que tenha se colocado cara à cara comigo e dito algo realmente ruim e negativo sobre Jesus Cristo. Podem não tê-lo confessado como Senhor, mas não disseram nada ruim sobre Ele. A maioria das pessoas com quem já conversei elogiaram Jesus. Por exemplo, várias dessas pessoas disseram: “Jesus é o maior professor de moral que já existiu”. Obviamente, essas pessoas querem aceitar a moralidade apresentada por Jesus, mas não a Sua Pessoa. Elas não estão aceitando a totalidade de Cristo, quando tentam fazer esse

tipo de divisão. Há outros que disseram: “Creio que Ele era o Filho de Deus”, mas logo acrescentaram: “assim como todos os outros seres humanos são filhos de Deus”. Um terceiro grupo disse: “Vejo Jesus como um herói das causas sociais. Ele foi amigo e herói dos pobres”. Essa era a visão que os propagadores do evangelho social, um movimento iniciado no começo do século XX, tinham de Jesus. É verdade que Jesus era amigo dos pobres, mas as pessoas que se prenderam a essa particularidade da pessoa de Jesus acabaram ignorando outra particularidade da Sua pessoa, a saber a Sua divindade.

Num sentido, todas essas afirmações sobre Jesus possuem em si alguma verdade. Mas todos os que fazem esse tipo de afirmação sobre Cristo não estão olhando para tudo o que Jesus disse ou fez. Estão ignorando, por exemplo, a afirmação de que o Filho do homem tem poder para perdoar pecados e para fazer parar o tempo quando vier com os Seus anjos e entre as nuvens do céu. Essas pessoas não consideram a totalidade de Jesus Cristo. Não consideram por inteiro o Jesus que disse em João 14:6: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim”.

Ninguém é obrigado a aceitar as alegações de Jesus. Mas se você é um ser humano, homem ou mulher, não pode ficar neutro em relação a isto. Você tem de escolher um lado ou outro.

Depois que Jesus fez essa observação introdutória sobre o que as pessoas estavam dizendo, Ele partiu para a questão de fato relevante. Tendo ouvido as respostas sobre o que as pessoas diziam sobre Ele, Jesus virou-Se para os apóstolos e disse: “Mas vós, quem dizeis que eu sou?”

Não creio que Deus mandou o Seu Filho ao mundo para ganhar alguma eleição. Não creio que Deus mandou Jesus a este mundo para ser o tema de nenhuma pesquisa de opinião. Ele mandou Jesus a este mundo para confrontar homens e mulheres com a Sua pessoa, a Sua identidade, para que cada ser humano individualmente tome a sua própria decisão sobre quem Ele é. Há muita diferença entre decisão e opinião. Jesus não está interessado em opiniões; mas em decisões. Ele quer apresentar-Se perante cada indivíduo mentalmente capaz e que reside na face da terra e dizer: “Quem você diz que eu sou?” Ele não vai manipular, pressionar ou forçar ninguém a escolher o caminho dEle. Ele veio para Se apresentar às

pessoas para que elas tenham a oportunidade de formar sinceramente suas próprias opiniões a respeito dEle.

Isto nos revela algo sobre nossa missão como cristãos. Não estamos aqui na terra para fazer uma pesquisa de opinião e relatar os resultados no boletim da igreja. Estamos aqui para nos apresentarmos perante indivíduos e dizer: “Foi isto que Jesus disse e fez. Foi isto que Ele alegou ser. Agora o que você tem a dizer sobre Ele?” Não devemos ter vergonha de fazer esse tipo de pergunta às pessoas. Com toda a confusão existente no mundo de hoje, com tantas pessoas perdidas, por que deveríamos ter vergonha de fazer esse tipo de pergunta? Às vezes, só perguntar faz mais bem do que ficar “martelando” aquelas afirmações que temos a tendência de querer dizer. Digamos apenas: “Escute, amigo, qual é o objetivo da sua vida? Para que você vive? Quais são os propósitos que estão direcionando e impulsionando você no que você faz? Quando você chegar ao topo da sua escada sócio-econômica, onde você vai estar? O que há em você e na sua imagem que passará desta vida? O que você pensa das alegações de Jesus Cristo?” São essas as perguntas — perguntas que testam e sondam corações — que precisamos fazer.

São tantas as pessoas criadas num tipo de atmosfera cristã, sem, contudo, jamais confrontarem realmente Aquele que exige uma decisão de nossa parte. Herdaram uma fé que na verdade nada tem de fé. É um tipo de religião cultural que nada oferece quando se precisa dela. Algumas dessas pessoas são muito religiosas, mas jamais estiveram face a face com Aquele que exige uma decisão. Em Marcos 8, Jesus virou-se para os apóstolos e disse: “Quem dizeis que eu sou?” Essa é a pergunta que na verdade mais importa.

Marcos diz que Pedro — o impetuoso e precipitado Pedro — deu a resposta: “Tu és o Cristo”. Lucas diz que ele respondeu: “O Cristo de Deus”. Mateus diz que ele falou: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. *Cristo* é um título. Significa o mesmo que o termo hebraico *Messias*, ou seja, “o ungido de Deus”. Não é um nome próprio. Jesus era o nome que Ele recebera; Cristo era o título. Ele era Jesus, o Cristo; Jesus, o ungido de Deus; Jesus, o Cristo de Deus. Pedro tinha ouvido e visto algumas coisas. Deus penetrara no coração de Pedro, de maneira que

ele sabia que classificar Jesus numa categoria humana seria inadequado.

Mais tarde, Pedro fez a confissão com ainda mais certeza e muito entendimento, porque ele viveu para ver o Cristo padecer, morrer e ressuscitar. Ninguém, nem mesmo no Sinédrio judaico, o impediria de pregar essa verdade por todo o mundo até que ela chegasse finalmente até a própria Roma. Em Roma eles o detiveram tirando-lhe a vida. Pedro disse: “Tu és o Cristo”.

Na minha experiência pessoal, nunca conheci ninguém que olhasse sinceramente para Jesus e não chegasse à mesma conclusão de Pedro. Mais cedo ou mais tarde, todo ser humano tem de se confrontar com a questão da identidade de Jesus de Nazaré. Quem é Ele? Essa é a pergunta mais

fundamental da vida.

CONCLUSÃO

Como cristãos, já nos confrontamos com essa pergunta. Já passamos por aquele dia em nossas vidas quando nos levantamos perante um grupo de pessoas e dissemos: “Eu creio que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo”. Credo nisso, nossa tarefa como cristãos é entregar completa e continuamente nossas vidas a Ele. Nossa tarefa é apresenta-LO como exemplo a outras pessoas para que Ele as confronte com a Sua divindade. O veredito da pergunta: “Quem dizeis que eu sou?” deve ser dado por cada indivíduo. Tudo, tanto agora como na eternidade, depende da resposta que dermos. †

©Copyright 2005, 2006 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS